



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Hamlet & Ofelia

AUTOR

Carlos Alberto Machado

ANO

2003

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Carlos Alberto Machado

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Hamlet & Ofelia

AUTOR

Carlos Alberto Machado

ANO

2003

*Para o Senhor William Shakespeare e a
caveira de Yorick.
Para a Inês.*

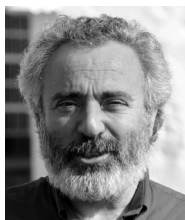
PUBLICAÇÃO

Maputo - Escola Portuguesa de Moçambique Centro
de Ensino da Língua Portuguesa
Colecção Acácia, nº 4, 2008.

ESPECTÁCULOS

Alfornelos (Amadora), 4 de Novembro de 2011.
Teatro Passagem de Nível. Criação e interpretação:
Mónica Lourenço e Ricardo Mendes.
Teatro Municipal de Almada (Sala Virgílio Martinho)
16 de Abril de 2003. Companhia de Teatro de Almada.

2015 Coimbra



Carlos Alberto Machado

1954. Nasceu em Lisboa, a 18 de Novembro. Tem escrito e publicado livros, mais de duas dezenas, repartidos por ensaio, teatro, poesia e ficção. Houve quem dissesse que a escrita de Carlos Alberto Machado «é um labor orquestral onde ele baralha as fronteiras entre a poesia e a prosa, a linguagem de todos os dias e a literária. Ou que tem um piloto automático que lhe desencadeia a escrita num jorro, quando é preciso, mas que o trabalho no teatro lhe ensinou que a grande liberdade e o rigor não são incompatíveis e se complementam. Nele tudo está enaranhado: os tempos mais recuados da sua vida, o amor, a morte e a escrita. O vivido em Carlos Alberto Machado é sempre um ponto de passagem para o seu direito de mentir, de construir campos de virtualidade e de possíveis. A tensão de um perpétuo jogo entre o verdadeiro e o virtual. A realidade inclinada. A ventilação da vida, a sua energia transbordante.» Alguns dados de cadastro: Grupo de Teatro de Campolide/ Companhia de Teatro de Almada (1969-1983). Licenciatura em antropologia na Nova de Lisboa (1990) e mestrado em sociologia da comunicação e cultura no ISCTE, em Lisboa (1998). Professor nas licenciaturas de teatro do antigo Conservatório/ESTC (1999-2000) e na Universidade de Évora (2000-2008). Textos seus para teatro foram encenados por Tiago Porteiro (2008), João de Castro (ESMAE/As Boas Raparigas..., 2007), João de Carvalho (Sindicacto, 2005) e Evoé (2005), Tiago de Faria (2002 e 2004), Grupo de Teatro Ensaio (2003), João Ricardo (2002), Joana Fartaria (2001), Companhia de Teatro de Almada (2003), João Ricardo (2002) e João Brites (teatro o bando, 2001). Encenou os seus textos *Restos. Interiores* (2002), *Aquitanta* (2003) e *Salada Cómica*, de Karl Valentin (2004). Dirigiu laboratórios de escrita para teatro com o Citac, Quarta Parede, Cepia e Teatro de Giz. É coordenador editorial da Companhia das Ilhas (editora livreira independente). É pai da Inês (nascida em 1993). Vive nas Lajes do Pico (ilha do Pico, Açores) desde 2005. bloguecam.wordpress.com

Conheço há muitos anos o Hamlet e a Ofelia. Estes ou outros. Sempre diferentes na sua fuga pelo mundo. Morrendo e ressuscitando sempre. A primeira vez que os encontrei foi em África. Bissau. Mercado a céu aberto do Bandim. Ele esgaravata-va dos bolsos uma decrépita nota de franco para um quarto de uma Sagres escaldante. Ela à beira da estrada mijava sangue. E os seus olhos pediam a compaixão de uma morte breve. Mais tarde, Lisboa. Pensão Paraíso (Banhos Quentes e Frios). Ofereceram-me os seus corpos esvaziados em troca do que eu quisesse. Encontrei-os ainda no Kosovo. Klina. Brigada portuguesa. A guerra tirara um braço a Hamlet. A Ofelia a cor da pele. Nada tinham que servisse de moeda de troca. A última vez foi em Nova Iorque. Foram eles que comandaram a destruição das Twin Towers. Foi essa a história que me quiseram vender e que eu não comprei. Preferi ser eu a inventar-lhes uma outra vida. A troco de nada.

NOTAS:

1. Os trechos de Hamlet de William Shakespeare são provenientes das seguintes traduções portuguesas: Sophia de Mello Breyner Andresen (1987, Porto, Lello & Irmãos - ed. bilingue); António M. Feijó (2001, Lisboa, Cotovia - ed. bilingue); - José Blanc de Portugal (1994 (1964), Lisboa, Presença).

2. Podem também ser encontrados trechos de outros autores, algumas vezes estropiados, torcidos ou chamuscados, como manda a arte de bem usar os cestos alheios. Eis os involuntários cúmplices, em democrática ordem alfabética: Charles Baudelaire, Emanuel Swedenborg, Fernando Pessoa, Francis Ponge, Jean Genet, Jean-Arthur Rimbaud, Katherine Mansfield, Ramón del Valle-Inclán, Sylvia Plath, William Blake, William Burroughs, Yukio Mishima.

PERSONAGENS:

HAMLET

OFELIA

(...) for any thing so o'erdone is from the purpose of playing, whose end both at the first, and now, was and is, to hold as 'twere the mirror up to nature, to show virtue her own feature, scorn her own image, and the very age and body of the time his form and pressure...

William Shakespeare, Hamlet, III, 2

Pois tudo o que é excessivo se afasta da finalidade de representar, cujo intuito foi, e é, de início até hoje, algo como colocar um espelho frente à natureza, mostrando a cara à virtude, a imagem ao que é desprezível, e a forma e impressões que são as suas à época e ao ar do tempo.

Tradução de António M. Feijó

I

Quarto de uma pensão de passe.

Dia.

HAMLET *(Segura uma caveira humana.)* Não falas?

OFELIA É quem eu estou a pensar?

HAMLET Não sei...

OFELIA O teu querido Yorick?

HAMLET Talvez...

OFELIA Sim ou não?

HAMLET Pode ter pertencido a tanta gente...

OFELIA Deixa-te de mistérios.

HAMLET É do teu pai!

OFELIA Brincadeira de mau gosto.

HAMLET Desculpa. É do meu pai.

OFELIA Pronto, não digas. Julgas que me importo?

HAMLET Acertaste. É do Yorick.

OFELIA Já tinha percebido.

HAMLET Sim, menina esperta. *(Pausa.)* Daqui pendiam os lábios que um ror de vezes beijei. Quando eu for esqueleto, a minha cabeça de morto terá uma expressão equívoca. O que não acontecia a Yorick quando falava. *(Pausa.)* Quanto tempo pode alguém fazer na terra antes de apodrecer?

OFELIA Que interessa isso agora? Está calado...

HAMLET É com palavras que eu vivo, não com o silêncio.

II

Noite.

OFELIA Adoro-te... estou estafada... Um cigarro?

HAMLET Sim.

OFELIA Acabo o cigarro e caio para o lado, se não for antes...

HAMLET E se eu estivesse morto?

OFELIA O quê?

HAMLET Se eu estivesse morto, agora.

OFELIA Metia-te num caixão e lá dentro punha flores de plástico, o teu veneno preferido e a tua caveira do bobo Yorick. Depois, enfiava o caixão numa linda barcaça e empurrava-a pelo leito do esgoto mais próximo, em direcção à luz.

HAMLET É bonita, a ideia. Em direcção a que luz?

OFELIA Não sei, estou cansada, foi o que me ocorreu.

HAMLET O rio dos mortos é um esgoto?

OFELIA Não é nas trevas e na putrefacção que dizes viver?

HAMLET Talvez, mas é ao cimo da terra, não debaixo dela.

OFELIA Tenho tanto sono...

HAMLET E se eu estivesse morto, se estivéssemos todos mortos?

III

Dia.

OFELIA O que é agora?

HAMLET Desculpa...

OFELIA O que é agora? Estou a ver, desabou sobre a tua cabeça outra nuvem de tristeza.

HAMLET Não, não é nada...

OFELIA Pois, estás aí tristonho e calado e não é nada.

HAMLET Estou a pensar.

OFELIA Em quê?

HAMLET Em... nas coisas de sempre.

OFELIA Fugiste. Acabou-se, Hamlet. Esquece para sempre o teu país. Esquece para sempre os teus pais.

HAMLET Nunca tive mãe e o meu pai foi morto duas vezes.

OFELIA Absurdo. É assim que a tua mágoa cresce.

HAMLET Não é possível esquecer, não há fogo que me seque a memória e a dor. É preciso chorar.

OFELIA Eu já não choro. Não sou capaz.

HAMLET Chora, é preciso chorar, chorar lágrimas sete vezes salgadas para queimar os olhos até deixar de sentir a dor.

OFELIA Os teus olhos estão secos.

HAMLET São os olhos da minha alma que choram.

OFELIA A minha alma também ainda chora a ferida da morte do meu pai.

HAMLET O teu pai era um tolo.

OFELIA Um tolo que eu amava. E tu mataste-o.

HAMLET Não matei o teu pai, matei um algoz que me espiava os passos.

OFELIA Mas nunca matou ninguém. O mesmo não se pode dizer do irmão do teu pai.

HAMLET Eu sei.

OFELIA A serpente que tirou a vida ao teu pai usa agora a sua coroa e a sua cama.

HAMLET Eu sei, eu sei quem matou o meu pai e prostituiu a minha mãe, quem se intrometeu na sucessão e nas minhas esperanças. Quem desejou e planeou o meu desaparecimento.

OFELIA Conheces bem os dois culpados da traição e do incesto, tens os seus nomes e os seus rostos gravados a ferro e fogo na memória. Mas a tua cobardia deixou sem vingar o leito real do nosso país, transformado num lamaçal de luxúria e incesto. Não serás maldito se permitires a esse cancro da natureza humana provocar ainda mais mortandade?

HAMLET Não esqueço os animais adúlteros e incestuosos.

OFELIA Lembrar não é agir... desejar e não agir cria pestilência. Por isso, é melhor esqueceres. Não te atormentes... não me atormentes.

HAMLET A minha alma está cheia de tristezas e contradições. Tanta morte, para nada.

OFELIA Esquece, já te disse, assim ainda ficas pior. E eu estou aqui, contigo, meu príncipe.

HAMLET Príncipe... príncipe sem reino e sem família.

OFELIA És o meu príncipe, isso não te chega?

HAMLET O teu príncipe arrastou-te para um prostíbulo.

OFELIA Cumpriu-se a tua vontade.

HAMLET Talvez houvesse outras escolhas.

OFELIA A outra escolha, a única, era a morte. A minha e a tua.
HAMLET Não sei.
OFELIA Agora é tarde demais para dúvidas.
HAMLET Alimento-me disso.
OFELIA Ou morres disso. Por isso.
HAMLET Morro pela memória do meu país transformado numa prisão. Um país saturado de celas e masmorras, de bocas caladas. Um país demasiado estreito para o meu pensamento, para os meus sonhos. *(Pausa.)* Fugimos de um país-prisão para um país-guerra.
OFELIA Não são diferentes. São sempre irmãos a matar irmãos.
HAMLET Ainda há cigarros?
OFELIA Alguns. Queres?
HAMLET Fumamos um a meias, está bem?
OFELIA Hum, hum.
HAMLET O dinheiro está a acabar..
OFELIA Podias... podias escrever para..
HAMLET ... não!
OFELIA Deixa.
HAMLET Desculpa.
OFELIA A *Ratazana* não nos deixa ficar nem mais um dia no seu querido bordel se não lhe dermos mais algum dinheiro.
HAMLET Puta de merda, animal gordo e peçonhento. Cheira tão mal que tresanda.
OFELIA Pois, mas a crápula foi a única que nos deu abrigo nestes meses.
HAMLET Chamaste-me príncipe e ela deve ter pensado que me apanhava alguma fortuna, ou então que me matava e recebia a recompensa.
OFELIA Fosse pelo que fosse, ela foi a única pessoa daqui que não nos perguntou de onde vínhamos e o que queríamos aqui fazer.
HAMLET Num país em guerra civil também não é grande feito..
OFELIA Não sejas mal agradecido.
HAMLET Estás a ouvir?
OFELIA Estou.
HAMLET Mais um cliente da *Ratazana*. Mesmo por debaixo de nós.
OFELIA Porcos.
HAMLET Não digas isso, é gente solitária. Soldados desnorteados e famintos.
OFELIA Qualquer dia..
HAMLET O quê?
OFELIA Nada... Amanhã vais sair outra vez à procura de comida?
HAMLET Não sei. E tu?
OFELIA Já estou farta de correr entre tiros e explosões.
HAMLET Olha, amanhã vou para uma entrada do Metro com um letreiro assim: «Sou um exilado político e tenho fome. Ajudem-me, por favor.» Assinado: Hamlet, Príncipe sem Pátria.
OFELIA Talvez resultasse, se ainda houvesse Metro e entradas de Metro e pessoas nas ruas com dinheiro.
HAMLET Talvez resultasse.
OFELIA Amo-te, meu príncipe.
HAMLET Amo-te, princesa.

IV

Noite.

OFELIA Já deve ir alta, a Lua...

HAMLET Sim... é a hora dos espectros.

OFELIA A hora da morte. Os cemitérios bocejam e o inferno contamina a terra.

HAMLET É uma boa hora para se matar. Ou ser morto.

OFELIA Matar ou ser morto. Qualquer hora é boa. Ou má.

HAMLET Eu deveria ter morrido de noite, no estrangeiro, às mãos de dois assassinos que julgava meus amigos.

OFELIA E eu ao amanhecer, num regato, rodeada de flores.

HAMLET Amores-perfeitos, boninas, violetas, margaridas...

OFELIA ... a entoar velhas canções de encantar, como uma sereia.

HAMLET Mas o trôpego destino não adivinhou que eu te salvaria.

OFELIA Trôpego foste tu que nos ias afogando aos dois, presos ao lodo.

HAMLET E foi aí que pela primeira vez te disse que te amava.

OFELIA Não, já me tinhas dito isso antes dos teus insultos... antes ou depois, já nem sei, para ti eu até já fui uma puta, não fui?

HAMLET Não era eu que falava, que agia, eu não era o Hamlet verdadeiro era outro por mim, um tresloucado... A loucura de Hamlet voltava-se contra si próprio.

OFELIA Que importa a máscara que usavas...

Canta:

Tomorrow is Saint Valentine's day,

All in the morning betime,

And I a maid at your window,

To be your Valentine.

Then up he rose, and donn'd his clo'es,

And dupp'd the chamber door,

Let in the maid that out a maid

Never departed more.

Pausa.

Louca fui eu... Só o pobre do meu bom pai é que estava convencido da tua loucura.

HAMLET Não, não passava tudo de fina manha para me fazer expulsar do reino e ser morto. Lembro-me bem de como falava ele de mim, esse velho mais a sua velha retórica.

OFELIA *(Recita)* «Chamo-lhe louco, louco, mas não sei definir a verdadeira loucura, pois isso não passaria também de loucura. Não há qualquer arte nisto: ele está louco, eis a verdade, é uma pena, mas está! E é uma pena ser verdade. Louca retórica, digo-vos eu. Então, concordemos que está louco. Embora fique por saber do efeito qual é a causa; ou melhor, a causa desse tal defeito. Pois esse efeito defeituoso vem de uma causa. E se ela fica, o efeito fica também...»

HAMLET Que horror! Até pareces o teu pai a falar.

OFELIA Já chega, está bem?

HAMLET Como é que sabes tão bem as palavras dele?

OFELIA Havia mais quem tivesse o hábito de escutar por detrás das cortinas...
HAMLET A verdade é que eu era louco, aliás, ainda sou, somos...
OFELIA Também eu namorei a loucura.
HAMLET Loucos. Espectros loucos, já te disse.
OFELIA Enlouqueceremos, de todo, talvez, sim, e morreremos, está claro, mas ainda com uma pouca carne agarrada aos ossos. Até os mortos têm peso. Tu não és um espectro. É a tua alma que está perturbada por fantasmas.
HAMLET Essa parte de filosofar é minha.
OFELIA Há mais coisas nos céus e na terra do que sonha a tua filosofia...
HAMLET Um cigarro?
OFELIA Depois, depois...

V

Dia.

HAMLET Sempre te amei.
OFELIA Tu? Não sei. Eu, sim.
HAMLET Duvidaste, eu sei, a culpa foi minha. E ainda duvidas?
OFELIA Por que é que falamos agora de amor e do passado, ou do nosso amor passado, ou presente, ou futuro?
HAMLET Porque...
OFELIA ... o que precisamos agora é de estar juntos, unidos, com ou sem amor, não interessa. E se nos pomos a duvidar dos nossos sentimentos podemos estragar tudo, chatearmo-nos, ficarmos entregues aos caprichos dessa Ratazana... Hamlet, por favor, não quero falar mais do amor que já houve, ou que não houve. Dúvidas antigas...
HAMLET Em tempos adoeci a medir versos para te dizer do meu amor por ti. Mas perdi esses dotes. Agora, só posso dizer-te que não duvides nunca do meu amor. Amo-te acima de tudo e de todos. Até durar esta corpórea máquina e, quem sabe?, se para além dela?
OFELIA Eu sei que me amas, eu... também te amo muito... mas...
HAMLET ... mas o quê?
OFELIA Fugimos do nosso país e o nosso país está provavelmente nas mãos dos seus inimigos, provavelmente morreram os poucos amigos que nos restavam, estamos em terra estrangeira, sem dinheiro, sem conhecimentos, num país onde se mata sem se saber bem porquê, fechados nesta espelunca sujeitos aos caprichos de uma meretriz e...
HAMLET ... e já falámos disso vezes sem conta e... já nem sei o que dizer!
OFELIA Nem eu, desculpa, só queria deixar o passado para trás, apenas isso.
HAMLET Não sei se é possível, o passado envenenou-me o sangue.
OFELIA Podemos fazer um esforço, não?
HAMLET Podemos, sim, podemos. Ainda não é o último.

VI

Noite.

OFELIA Fumamos mais um a meias?
HAMLET Sim.
OFELIA As coisas sabem melhor quando sabemos que elas estão a acabar.

HAMLET Um simples cigarro?

OFELIA Um simples cigarro, um amor, a vida...

HAMLET Por essa ordem?

VII

Dia.

OFELIA Lá estás tu outra vez a pensar no reino e nos seus fantasmas... deixa essa maldita terra em paz! Deves ter outro cisco a ferir-te o olhar da mente.

HAMLET Não brinques. Estava a pensar... estava a pensar na Ratazana.

OFELIA Para sofreres ainda mais, é?

HAMLET Não. Estava só a pensar em como trocar-lhe as voltas. É uma tipa muito esperta, a nossa patroa.

OFELIA E?

HAMLET Estou a pensar. Talvez me ocorra alguma coisa.

OFELIA Tenho sono.

HAMLET Ainda é dia.

OFELIA Tenho sono.

HAMLET Dorme, dorme, mas lembra-te de que o sono é a ante-câmara da morte.

OFELIA Só nos teus delírios, tonto.

HAMLET Dorme em paz, então. Até logo (*Sai.*)

OFELIA Até logo, até logo meu anjo doido. (*Pausa.*) Uma vez disseste-me que o meu sono era negro, opaco, impossível de ser penetrado, uma rocha sólida enterrada no fundo do tempo, disseste-me que o meu sono só despertava quando a tua boca saboreava o meu sexo, durante muito tempo, e depois o meu sono branqueava, amolecia, e era só a firmeza terna que se fazia nos enlances com o teu, rosado, voador, dizia-te eu mais tarde, antes de o meu sono negro e o teu, branco, se envolverem sem nunca se misturarem, porque tu não deixas, dizias tu.

VIII

Noite.

OFELIA Bom dia.

HAMLET Boa noite.

OFELIA Já? Que sono, dormi tanto, meu Deus. Foste falar com o monstro?

HAMLET O quê?

OFELIA Se foste falar com a Ratazana?

HAMLET Fui.

OFELIA Com esse ar, até parece que não.

HAMLET Fui, fui.

OFELIA E então?

HAMLET Então? Nada.

OFELIA Nada o quê? Vamos ou não para a rua? Quando?

HAMLET Não...

OFELIA ... não o quê? Vai correr connosco ou não?

HAMLET Não... por agora.

OFELIA Por agora? O que é que isso quer dizer?

HAMLET Quer dizer que ficamos mais uns tempos, não sei.

OFELIA Não sabes? Mas falaste com ela, ou não?

HAMLET Não... sim...

OFELIA ... sim ou não?

HAMLET Sim.

OFELIA E então?

HAMLET Já te disse.

OFELIA Não disseste nada, estás a esconder-me alguma coisa.

HAMLET Não me apetece falar disto.

OFELIA Pois a mim apetece-me. Conta-me tudo. Quando é que lhe falaste?

HAMLET Quando saí daqui. Voltei logo, mas dormias ainda, não quis acordar-te. Depois fui dar uma volta, até anoitecer.

OFELIA Está bem. Mas de que é que conversaram? O quê?

HAMLET Nada, quero dizer, quase nada, sabes que às vezes é difícil perceber o que ela diz.

OFELIA Príncipezinho, estás a mentir-me.

HAMLET Ofelia, o que fiz já me custou muito e...

OFELIA ... não, não é possível, não me digas...

HAMLET ... sim, sim! Agora, deixa-me, por favor.

OFELIA «Animal gordo e peçonhento!» Como é que foste capaz?

HAMLET Deixa-me, já te disse.

OFELIA Não deixo. És o meu homem. Como é que nos vamos amar depois do que fizeste? Diz-me!

HAMLET Por favor...

OFELIA Odeio-te!

HAMLET Fiz o que tinha a fazer.

OFELIA Não.

HAMLET Por nós.

Silêncio.

OFELIA Quanto tempo?

HAMLET O quê?

OFELIA Por quanto tempo mais ela nos vai deixar aqui ficar?

HAMLET Não sei, já te disse.

OFELIA Mas foi só... ela não te disse nada?

HAMLET Disse.

OFELIA Então, diz-me.

HAMLET Queres mesmo que te diga?

OFELIA Quero.

HAMLET P« orta-te bem, meu pequeno príncipe, porta-te bem e eu deixo-te ficar aqui toda a vida.»

OFELIA Não! (*Silêncio prolongado.*) Foi muito difícil para ti, eu sei, desculpa. Mas como... como é que foi?

HAMLET Fechei os olhos. E não pensei em mais nada.

OFELIA E o cheiro?

HAMLET Fez-me acabar mais depressa.

OFELIA Lavaste-te lá?

HAMLET Lavei-me.

Silêncio.

OFELIA Vamos ficar presos aqui para toda a vida?

HAMLET Não sei. Não sei se aguento.
OFELIA Vem cá, meu príncipe.
HAMLET Nunca mais me chames príncipe.

IX

Dia.

OFELIA Outra vez?
HAMLET Outra vez.
OFELIA Há dois dias...
HAMLET ... eu sei.
OFELIA Ainda vai ser pior?
HAMLET Acho que sim.
OFELIA Acabaram-se os cigarros.
HAMLET Tenho aqui dois ou três, da...
OFELIA Tenho fome.
HAMLET Não sei o que fazer.
OFELIA Pede-lhe comida.
HAMLET Não tenho mais nada para lhe dar em troca.
OFELIA O teu sexo, mais vezes.
HAMLET Ofelia...
OFELIA ... e o duche a funcionar... com água quente.
HAMLET Ofelia, enlouqueceste!
OFELIA Fechas os olhos, não pensas em nada...
HAMLET ... Ofelia...
OFELIA ... e acabas depressa, muito depressa.
HAMLET Ofelia, não, pára!
OFELIA Tenho fome, quero fumar, quero tomar um duche quente.
HAMLET Não posso fazer nada!
OFELIA Depressa. Muito depressa...

X

Noite.

OFELIA Não há gás novamente.
HAMLET Agora não posso fazer nada, só amanhã de manhã.
OFELIA Ouve, amor.
HAMLET Diz, diz qualquer coisa, desde que venha a propósito.
OFELIA Ouve, ouve com atenção.
HAMLET Ouço, claro.
OFELIA Nunca, nunca deixes que ela te queira de noite, não?
HAMLET Não, não deixo, prometo.

XI

Dia.

OFELIA Não tens comido nada.
HAMLET Não tenho fome.
OFELIA Tens de te alimentar.
HAMLET Não tenho fome. Siga a dieta do camaleão, como ar, recheado de ilusões.

OFELIA Quanto tempo já passou?
HAMLET Não sei. Uma eternidade.
OFELIA E quanto tempo mais vamos aguentar?
HAMLET Eternidades, eternidades umas atrás das outras. *(Pausa.)* Até já.
OFELIA Até já.

XII

Noite.

OFELIA É tão tarde... Tens fome?
HAMLET Ainda não.
OFELIA Por que é que não...
HAMLET ... o quê?
OFELIA Nada, não liguês.
HAMLET O meu reino afundou-se, meu amor.
OFELIA Sim.

XIII

Dia.

OFELIA Isso é um charro?
HAMLET É. Roubei-o à Ratazana.
OFELIA Se ela descobre...
HAMLET Queres dar umas passas?
OFELIA Pode ser, ajuda a enganar a fome.
HAMLET Hoje já comemos.
OFELIA Pois já, é verdade, aquelas coisas que o monstro te deu, vinho e tudo.
HAMLET É um monstro simpático.
OFELIA Simpático?
HAMLET Estava a brincar.
OFELIA Pois. Tabaco, comida, vinho... E umas ganzas que tu dizes que lhe roubas...
HAMLET Às vezes dá-me, de outras vezes finge que não me vê roubá-las.
OFELIA Passamos aqui o tempo. Eu aqui, tu lá em baixo. Só a noite nos acolhe aos dois. E já de pouco nos serve.
HAMLET Não percebo.
OFELIA Depressa, cada vez mais depressa.
HAMLET Isso não é verdade, é imaginação tua. Uma fraqueza.
OFELIA Não, eu sei, uma mulher nunca se engana.
HAMLET Não acho que seja assim.
OFELIA É. *(Pausa.)* E deliras, deliras cada vez mais.
HAMLET São pesadelos, não são delírios.
OFELIA São delírios, são, tu sabes.
HAMLET Acorda-me, se perceberes que estou a ter um pesadelo, acorda-me.
OFELIA Tu estás acordado, meu amor, de olhos bem abertos, falas e caminhas como se estivesses acordado.
HAMLET Sonambulismo.
OFELIA Pois, pois é. Tens de encarar as coisas como elas são, não podemos viver assim, sinto-me sem forças. Durante o dia, sozinha nesta prisão, à noite, contigo, a viver os teus delírios. Pareces um fantasma, Hamlet...

HAMLET O único fantasma que conheço é o do meu pai.

OFELIA O teu pai, a tua mãe, o meu irmão, tantos fantasmas, outros que não conheço, com quem falas, com quem tu falas, tu, porque só tu os conheces, só tu os podes ver.... meu Deus....

HAMLET Não.

OFELIA Não percebes que assim não me convences?

HAMLET Talvez tenhas razão, as coisas da terra já pouca existência têm para mim, a verdadeira realidade se calhar está apenas nos sonhos...

OFELIA Mas não são sonhos...

HAMLET Sonhos acordados, delírios, alucinações, tanto faz, é também assim que eu sou, não posso fazer nada, ou não quero.

OFELIA Consegues destruir em mim toda a esperança. É já o fim?

HAMLET Não sei.

OFELIA Então, continuemos.

HAMLET O quê?

OFELIA Esta farsa, ou tragédia, ou lá o que é.

HAMLET O que é que foi agora?

OFELIA Desce lá aos infernos e traz vinho, tabaco e o pó dos anjos, alimenta-nos, vá, és tu o homem da casa!

HAMLET Ofelia, não me sinto em condições para...

OFELIA ... para quê? Foder a Ratazana? Tens de ser tu, meu caro.

HAMLET Cala-te, por favor.

OFELIA Calo-me, calo-me, mas quero saber como é a nossa vida.

HAMLET Já não posso fazer mais.

OFELIA Podes. Exige tudo da Ratazana, ela também precisa de ti, precisa de carne fresca.

HAMLET Mas agora quer partilhar a carne... fresca, como tu dizes...

OFELIA Partilhar? Com quem?

HAMLET Então... clientes...

OFELIA Porcos...

HAMLET Não é bem... começaram a aparecer por aí umas tipas...

OFELIA Umás tipas?

HAMLET Sim, umas burguesinhas amedrontadas.

OFELIA Amedrontadas? Com quê?

HAMLET Este país está em guerra, não?

OFELIA Não percebo, então por que é que se arriscam a sair à rua?

HAMLET Não sei, pergunta-lhes.

OFELIA Tu é que disseste que elas tinham medo.

HAMLET Foi o que me pareceu. Medo da morte próxima.

OFELIA Somos sempre escravos dos nossos vícios e paixões. Vêm experimentar o fruto proibido antes de morrerem.

HAMLET Deve ser isso. E atravessar a cidade sob os bombardeamentos deve aumentar-lhes os níveis de adrenalina.

OFELIA A tesão, queres tu dizer.

HAMLET Não sei, nunca experimentei.

OFELIA Onde é que estão os charros? Acabaram-se?

HAMLET Sim.

OFELIA E agora... vais com essas meninas.

HAMLET Pelo que pude ver, algumas são pouco meninas. Não sei. A Ratazana falou-me nisso e eu fingi que não percebi.

OFELIA E qual é a contrapartida?

HAMLET Sei lá! Já te disse que me fingi tolo.

OFELIA Desde que não faças de mim tola...

HAMLET Please...

OFELIA A coisa é assim, meu amor: ou ficamos aqui e tiramos partido disso, custe o que nos custar. Ou não, e eu, por mim, vou para as ruas até ser morta por uma bala perdida, ou desfeita por uma granada, estás a perceber?

HAMLET Erva sagrada... pó mágico... a tua linda cabeça...

OFELIA Não volto a discutir isto contigo. Estou cansada, estou cansada de fugas e adiamentos.

HAMLET Afinal, o que é que queres que eu faça?

OFELIA Merda! Vai com a Ratazana, vai com as burguesas, ou proletárias, com quem quiseses: mas alimenta-nos bem, alimenta-nos a barriga e a alma até morrermos empanturrados.

HAMLET É isso que nos resta, é?

OFELIA É. A liberdade aqui não é possível.

HAMLET É possível noutro sítio?

OFELIA Porque não? Talvez. No teu país. Se lutares por ela. Até à morte.

HAMLET Talvez essa seja a única liberdade.

XIV

Noite.

OFELIA Trouxeste a seringa?

HAMLET Está aqui.

OFELIA Despacha-te.

HAMLET Vou só queimar a ponta da agulha.

OFELIA Para quê?

HAMLET Não quero apanhar nenhuma doença.

OFELIA Sim, despacha-te.

HAMLET Já vai.

OFELIA A Ratazana ronda o corredor como um ogro, não a ouves?

HAMLET Não.

OFELIA Sinto-a, cheiro-a à distância

HAMLET Não é difícil. Já está, toma.

OFELIA Isto só dá para uma dose.

HAMLET Não exageres, dá bem para duas.

OFELIA Achas?

HAMLET Queres que eu faça?

OFELIA Não, deixa.

HAMLET Não podemos...

OFELIA O que é que não podemos?

HAMLET Ficar agarrados a isto, tem de haver outra solução.

OFELIA Sim, depois diz-me qual é.

HAMLET E esta maldita guerra que parece não ter fim. Demora muito?

OFELIA Já está. Queres tu primeiro?

HAMLET Não, despacha-te.

OFELIA Calma.

HAMLET A hora da Ratazana.

Ofelia passa a seringa a Hamlet que se injecta num braço. Silêncio.

XV

Dia.

OFELIA Olha, o meu principezinho de opereta. Sê bem-vindo.

HAMLET De opereta? Antes fosse.

OFELIA Como tu dirias: palavras, palavras... Vê lá mas é se te agentas nas pernas. És o nosso ganha-pão, enfim, pão é como quem diz...

HAMLET Não tarda muito seremos dois.

OFELIA Não sou princesa.

HAMLET Não, lá isso é verdade.

OFELIA Então?

HAMLET O nosso ogro precisa de ti.

OFELIA Ui, que medo, vai-me comer?

HAMLET Para já, não.

OFELIA Assim estou mais descansada.

HAMLET Ofelia, estamos perdidos.

OFELIA O meu belo príncipe já não gosta do seu monstro?

HAMLET Assim não dá! Meteste o pé que eu trouxe hoje, não foi?

OFELIA O pé... meter o pé, que merda julgas tu que eu sou?

HAMLET Ofelia...

OFELIA Diz, meu amorzinho.

HAMLET A Ratazana quer...

OFELIA ... sim?

HAMLET Alterar o espectáculo.

OFELIA E o que é que eu tenho a ver com isso?

HAMLET Tens... é que... ela quer que assistas a... às minhas...

OFELIA ... actuações!

HAMLET Não sobrou nada para mim?

OFELIA Não mudes de conversa, porra, até parece que fiquei limpa de repente.

Vou fazer o quê?

HAMLET A sujeita quer que fiques no quarto ao mesmo tempo que eu...

OFELIA ... só isso?

HAMLET Por agora.

OFELIA E o que é que eu ganho com isso?

HAMLET Sei lá, pergunta-lhe.

OFELIA Sabes bem que eu não falo com essa rata de esgoto.

HAMLET Então, não fales.

OFELIA Pois não.

HAMLET Só quero saber é se vais comigo ou não.

OFELIA Não. (Pausa.) Sim. Se souber o que ganho com isso.

HAMLET Que chatice, já não tenho força nenhuma para estas conversas.

OFELIA O que é que eu ganho, vá, diz-me.

HAMLET Olha, não sei, já te disse, a coisa é simples: vais comigo e em troca temos tecto e mantimentos; não vais, acaba-se tudo.

OFELIA Foi ela que te disse isso?

HAMLET O que é que achas?

Pausa.

OFELIA Sempre que tu fores?

HAMLET Sim.

OFELIA Mesmo com ela?

HAMLET Sim.

OFELIA Não consigo, não consigo.

HAMLET É difícil para os dois. Talvez...

OFELIA Diz.

HAMLET Talvez a coisa com ela não continue, parece-me mais interessada no que eu faço com as clientes. Não sei.

OFELIA Isso é o que tu pensas, não o que ela te disse, não é?

HAMLET É.

Silêncio.

OFELIA Fico a ver?

HAMLET Sim.

OFELIA Porquê?

HAMLET Se calhar há quem goste assim. Pelos vistos ela gosta.

OFELIA Afinal isto é um prostíbulo, uma casa à prova de vida.

HAMLET Já sabíamos.

OFELIA Não, só tu é que sabias, sabias no teu corpo, eu ainda não.

HAMLET É a nossa guerra, o preço pela minha cobardia, desculpa.

OFELIA Pelo teu amor, pelo nosso amor, também.

HAMLET Cobardia, amor, morte...

OFELIA E se ela morresse?

XVI

Noite.

OFELIA (*Segura uma faca e uma laranja.*) A laranja aspira a retomar a forma depois de ter sofrido a prova da degustação. Mas enquanto a esponja o consegue sempre, a laranja nunca: porque as células estoiram, os tecidos rasgam-se. Enquanto a casca se restabelece languidamente na sua forma, graças à sua elasticidade, um líquido de âmbar derrama-se, acompanhado por um frescor e perfume suaves, mas muitas vezes também pela consciência amarga de uma expulsão prematura de caroços. Será necessário tomar partido entre estas duas maneiras de suportar mal a opressão? A esponja é apenas músculo e enche-se de vento, de água limpa ou suja, ginástica ignóbil... A laranja sabe melhor, mas é demasiado passiva, e esse sacrifício odorífero... é de facto vender-se barato ao opressor.

XVII

Dia.

OFELIA Estava agachada ali no meu canto, olhei à minha volta e senti-me vazia, fora do meu corpo, pedaços de mim voavam à toa pelo quarto...

HAMLET Só tu podes resolver o puzzle. Eu nunca conseguirei juntar-te toda, compor-te, colar-te e unir-te como deve ser.

OFELIA Mas podes roubar-me pedaços, nunca o fizeste?

HAMLET Não, talvez, não sei.

OFELIA Se calhar pedaços meus foram para ti e outros de ti para mim.

HAMLET Coisas fluidas, sem substância.

OFELIA Palavras.

HAMLET Olhares.

OFELIA Gestos.

HAMLET Palavras, olhares, gestos... incompletos.

OFELIA Uns olhos que se movem, um pestanejar.

HAMLET Ou o que nunca foi dito, pensado, feito.

OFELIA Assim não precisaremos dos corpos, não, é a dor do meu corpo que se estilhaça, que me dói.

HAMLET Uma dor que dói?

OFELIA Não é? A dor da perda, do abandono, do afastamento, quando o corpo não sabe que está a fragmentar-se, a dividir-se, a unir-se com outros não desejados e depois... e depois a dor de saber isso tudo diz ao corpo: dá-me a dor de eu sentir tudo isto, primeiro a dor que dói, depois a matéria da dor que é necessária para saber que a dor existe, e só no fim a dor se instala nos ossos, nos músculos, nos nervos, nas veias...

HAMLET Estiveste no inferno a saber isso?

OFELIA Antes ou depois do vazio?

HAMLET Antes ou depois de mim?

OFELIA Não sei, só me lembro de um sol negro mas com chama e luz.

HAMLET Vogaste pelas estrelas, arrastada pela poeira cósmica, deixando o corpo atrás de ti, no vazio?

OFELIA Um corpo numa viagem através do espaço, sem odor, onde não existe vida...

HAMLET Estás aí?

OFELIA Estou...

HAMLET Acho que tenho um pedaço de ti em mim.

OFELIA E dói?

HAMLET Estou à procura da dor.

OFELIA Também devo ter pedaços de ti mas talvez já tenha encontrado a dor.

HAMLET Viajamos na mesma barca.

OFELIA Não é a barca que faz de nós dois um, é a luz em falta que nos faz.

HAMLET Vogamos pelo espaço e ainda não somos... Em que ponto nos perdemos?

OFELIA Em... Escurece...

XVIII

Noite.

HAMLET Quem és tu?

Desaparece.

Não vês que navego na barca do sono para a morte?

Não vês?

Ah, não, és tu, puta real disfarçada de boneca.

O horror do teu crime ainda espreita por debaixo das tintas.
A carne que escondes é tão falsa como as tuas pinturas.
É carne de onde eu não nasci, não sou carne da tua carne.
Deixaste a clara montanha do teu primeiro senhor
para chafurdares no pântano do incesto,
para fornicares no suor rançoso de uma cama porca,
prostituída pelo deboche,
num podre bordel que já foi leito de amor.
Um animal sem o dom da fala choraria mais do que tu choraste.
Ficaste tolhida, sem poderes ver ou sentir, sem vergonha,
és um animal, um animal com cio, um animal cego.
Fragilidade, o teu nome é mulher!
Não, não me calo, as minhas palavras
hã-de ser punhais para os teus ouvidos, sem piedade.
Os meus olhos vêm fundo na tua alma,
cheia de nódoas tão negras, negras até ao fim da vida.
Foges?
Vais deixar que esse rei de feira te leve de novo para a cama?
Vais deixar que esse rei untuoso te belisque o rosto,
te chame ratinha e te encha o pescoço de beijos com baba?
Vais deixar que os dedos danados desse rei te revolvam o corpo?
Não?
Arrependes-te?
Vá! Mostra-me o que lhe vais fazer!
Chorar? Lutar? Vais jejuar?
Vais desfazer-te em prantos?
Não?
Onde está a Rainha do nosso Reino?
Morta?
OFELIA (*Acordando.*) Merda. Estúpido. Estás outra vez a curtir sozinho, é?
HAMLET Devem uns velar para que os outros durmam. E assim envelhece o mundo.
OFELIA Está mas é frio.
HAMLET Está. Está um frio de morte. E eu sinto o coração pesado.

XIX

Dia.

HAMLET E se eu agora te dissesse: nunca te amei?

OFELIA Sim, em tempos isso deve ter sido verdade, sim, houve um tempo em que me era indiferente o que sentias por mim. (Pausa.) Amor ou ódio tinham o mesmo valor na tua cabeça avariada... se isso é loucura, então foste mesmo louco.

HAMLET Então, amar-te foi o meu maior engano? Talvez. E tu não devias ter acreditado em mim, a tua virtude não podia casar com a minha, eram de diferentes linhagens.

OFELIA Talvez tivesse sido melhor o engano do convento.

HAMLET Ter-te amado foi fazer de ti mais uma pecadora.

OFELIA Foi bom ter pecado contigo.

HAMLET A minha mãe não devia ter-me gerado, é o que é. Obrigaram-me a ser orgulhoso, vingativo, ambicioso, com mais ofensas à perna do que forças para as alimentar, ou imaginação para... ou tempo para as pôr em prática. Porque hão-de existir criaturas como eu a rastejar entre os céus e a terra? Somos todos pessoas incertas, ai se somos, mesmo o teu pai o era. Não devias ter acreditado em mim, ninguém acreditava, ninguém.

OFELIA Pára, Hamlet. Está calado. Desfazes-me o coração.

HAMLET Não, apenas tiro dele as partes más, as feridas inúteis, para que possas viver com o coração limpo, pequeno mas limpo.

OFELIA Ó céus, para quê viver tudo isto de novo, não me dizes? Acorda!

HAMLET Foi um belo sonho: repousar a minha cabeça entre as pernas de uma virgem. Eras casta como o gelo e pura como a neve e assim devias ter ficado. Mas eu deixei que me amasses, que quisesses amar um louco, que ficasses sob o fogo da calúnia.

OFELIA Não há mundo eterno. Até os amores mudam com os fados.

HAMLET Palavras, só palavras, que fardo insuportável.

OFELIA Amanhã.

HAMLET Amanhã.

XX

Noite.

HAMLET Amanhã.

OFELIA Amanhã.

HAMLET Nunca pensei que fosse tudo tão rápido.

OFELIA Pensaste?

HAMLET Pensei, eu...

OFELIA ... e nunca me disseste nada.

HAMLET Pensei que também adivinhasses.

OFELIA Sim. Era inevitável. A Ratazana está a encenar o espectáculo dos corpos e nele mata o que nos resta ainda de honra e pudor.

HAMLET Há um deus a talhar-nos os destinos, lapidando-nos como quer.

OFELIA Não há deuses, nem destinos, somos nós, apenas nós. Sós.

HAMLET Então as dores dos homens já não comovem os deuses?

(Silêncio.) Amanhã.

OFELIA Amanhã... chega a minha vez. Quem serão os meus clientes?

HAMLET Uns tipos de sempre, soldados.

OFELIA E tu vais ver-me?

HAMLET Não sei, nem sei se tu continuarás a ver-me com as minhas... com...

OFELIA ... as tuas clientes! Não me venhas agora com pudor...

HAMLET Pudor...

OFELIA ... é uma vergonha que não tem nome.

HAMLET A podridão agora é nossa.

OFELIA Nunca fomos puros, tudo não passou de uma ilusão, bem sabes.

HAMLET Talvez agora saiba.

OFELIA Com uns chutos mais fortes talvez a coisa não seja tão difícil.

HAMLET Talvez. Mas vai sendo cada vez mais complicado arrancar umas gramas à Ratazana.

OFELIA Está descansado. Ela sabe que de outra maneira já não conseguimos, ela sabe, é ela quem dirige o espectáculo.

HAMLET Porque nos escolheu ela para isto?

OFELIA Se calhar fomos nós a escolhê-la.

HAMLET É isto o destino, afinal?

OFELIA É, um espectáculo em que entramos à força.

HAMLET Mas este é um espectáculo especial, além de actores somos obrigados a assistir ao triste espectáculo de nós mesmos.

XXI

Dia.

OFELIA Sabes o que peço eu à morte? (Silêncio.) Peço a paz, sonos prolongados, o canto dos serafins com perfumes e grinaldas, anjinhos de lã com samarras quentes, e espero noites sem luas nem sóis, em campos imóveis.

HAMLET Morrer, estás a falar de morrer?

OFELIA Sim.

HAMLET Seremos eternos, meu anjo!

OFELIA Não, a eternidade está caminhar velozmente para o fim.

HAMLET Agora não quero falar de morte.

OFELIA Tens medo da morte?

HAMLET Não sei o que é a morte.

OFELIA Há muitas mortes. A que sofremos aqui é um bocado pior.

HAMLET Então, já morri muitas mortes.

OFELIA E já mataste.

HAMLET Perdoa-me.

OFELIA Perdoo-te.

HAMLET Morreremos os dois.

OFELIA Eu irei primeiro para as sombras desconhecidas.

HAMLET Não sabes.

OFELIA Sei.

HAMLET Ainda sobrou?

OFELIA O quê?

HAMLET Um pedras da estrada que vai para o céu. Meu Deus!

OFELIA Quando eu morrer põe-me num leito de flores, mesmo que sejam de plástico, sim?

HAMLET O quê? Sim, sim... queres caminhar de novo para Deus. Ou para o Diabo? A mim tanto me faz.

XXII

Noite.

OFELIA Não consigo... não...

HAMLET Dormir... sonhar...

OFELIA ... antes...

HAMLET ... depois...

OFELIA ... quando é que a matas?...

HAMLET Quem?...

OFELIA A Ratazana.

HAMLET Amanhã, bem cedinho. Desperto-a com um ardente beijo de veneno...

OFELIA Boa-noite... anjo... vingador...

HAMLET Com um ardente beijo de veneno...

XXIII

Dia.

HAMLET Vingança. Tarda... ou nunca se consumará? Honra e orgulho espicados e... O que é o homem?, para quem o bem maior, o grande negócio, é comer e dormir? Uma besta, nada mais. O dom da razão parece que lhe foi dado só para criar vinagrete... por cobardia... ou por pensar de mais... raio de pensamento que partido em quatro dá três partes de fraqueza... Não sei realmente para que serve viver dizendo apenas: isto há-de fazer-se! Tenho razão e querer, não é?... e a dor suficiente... e... Ser grande não é choramingar com grandes discursos mas de um grão de pó fazer a guerra, merda!, é a honra que está em jogo. Que dizer de mim? Tenho um pai assassinado, uma mãe conspurcada, e deixo cair tudo no abismo do sono, humilhado... A partir deste momento, os meus pensamentos serão só de morte, morte sanguinária, ou então não valem nada!

OFELIA Vais já já matar a Ratazana, tomar o poder ou... Vai mais um charro?

XXIV

Noite.

OFELIA Onde vais, meu amor?

HAMLET Deixa-me, deixa-me dormir.

OFELIA Deixo, vem deitar-te, vem.

HAMLET Deitar... Deuses, o que é que eu faço aqui?

OFELIA Caíste, quando te despertei do delírio, ou sonho...

HAMLET Estavas acordada?

OFELIA Acordaste-me e eu segui-te pelo quarto.

HAMLET Mas... o que é que eu fiz?...

OFELIA Não sei como começou, senti que me mexias. Levantei-me, deixei-me ir. Então, com a mão direita, pegaste-me num pulso com força. Depois, recusaste a todo o comprimento do braço. E com a outra mão, descaída sobre a fronte, olhaste o meu rosto como se fosses desenhá-lo. Ficaste assim muito tempo, até que a um estremecimento do meu braço moveste a cabeça, três vezes, e logo um suspiro tão magoado e fundo que pareceu estilhaçar todo o teu corpo, abreviar o teu ser. Depois, começaste a andar, a cabeça descaída sobre o ombro, em direcção à porta. Parecias não precisar de ver, como se uma luz qualquer te atraísse para um caminho para longe daqui. Tive de acordar-te porque não estava a fazer parte do teu sonho, acho...

HAMLET Gostava de ver agora esse caminho... ou essa luz.

OFELIA Eu também.

XXV

Dia.

HAMLET Trago no meu rosto cem máscaras imaginárias. De dia uso umas, de noite outras. Pode ser que o meu verdadeiro rosto não se tenha ainda revelado. Pode ser que afinal exista em mim o verdadeiro filho do meu pai.

OFELIA E quantas máscaras e submáscaras usas tu no rosto da alma?
HAMLET O meu rosto é a minha alma e a minha alma é o meu rosto.
OFELIA Quem sabe qual é a tua última máscara, a verdadeira?
HAMLET Quem souber da sua própria saberá da minha.
OFELIA É esse o jogo que jogamos?
HAMLET Não, não jogamos nenhum jogo. Aqui é de outra realidade que se trata.
OFELIA Onde foste arranjar tanta lucidez? Algum drunfe novo?
HAMLET Quem desce primeiro?
OFELIA É melhor descermos juntos... (*Cambaleia.*)
HAMLET Estava a brincar contigo, sentes-te bem?
OFELIA Sinto, sinto, não te preocupes.

XXVI

Noite.

OFELIA O que é isso?
HAMLET Absinto!
OFELIA É um aperitivo mortal.
HAMLET Roubei-o à Ratazana. Está por estrear! E montes de pó.
OFELIA Não!
HAMLET Ficou tão satisfeita que...
OFELIA ...voltaste.
HAMLET Voltei. Por uma boa causa.
OFELIA Já não há, nunca existiram boas causas.
HAMLET Não desconverses agora.
OFELIA O que foi que lhe fizeste?
HAMLET Eu? Nada.
OFELIA Está bem. Passa para cá isso.
HAMLET Calminha, isto merece uns copos a sério, vou lá abaixo...
OFELIA ... não vais nada, a Ratazana ainda te apanha.
HAMLET A Ratazana? Pois...
OFELIA Nunca bebi isto, é muito forte, não é?
HAMLET Só sei que é muito forte.
OFELIA E podemos fazer misturas, fumar, sei lá?
HAMLET Acho que sim.
OFELIA Está bem (*Experimenta.*) Sabe mal. É forte.
HAMLET Deixa ver (*Bebe.*) Pois é.
OFELIA A gente habitua-se. Faz aí umas doses.
Vão bebendo, fumando, injectando-se.
HAMLET Quem vem lá?
OFELIA O fantasma da ópera.
HAMLET É o meu pai... numa nuvem verde... armado.
OFELIA Armado? Olha que aqui não entram armas, é o que diz a *Ratazana*.
HAMLET Pára, ilusão!
OFELIA Olha, se calhar o teu velho encontrou o meu e, estás a ver, ficaram entretidos a falar, palavra puxa palavra, sabes como é, os velhos tempos...
HAMLET Parece que quer falar comigo outra vez...
OFELIA Está bem, está, fica aí entretido com isso que eu tenho mais que fazer.

HAMLET Sim vou falar contigo, Rei, pai, real Senhor.

Os teus ossos romperam as mortalhas,
levantaram-se do chão sagrado.

Porquê?

Estavas em paz na tua urna,
porque abriu ela os seus pesados maxilares de mármore
para te dar de novo à terra?

Que quer isto dizer?

Com que fim o teu cadáver revestido de aço
se mostra de novo aos raios da Lua
assombrando a noite?

O teu desgosto doido faz explodir-te
nos olhos um desespero tão forte
que uma dor bravia e desvairada aparece,
apesar do gelo que choras,
a enfeitar-te a boca redonda com um sorriso de luto.
Põe palavras tuas na minha boca, peço-te,
para que eu as possa gravar para sempre na minha cabeça,
guiando-me na noite da vingança.

Escuta, em silêncio.

Lembrar-me de ti...

Sim, pobre fantasma,
enquanto houver memória neste globo distraído.

Lembrar-me de ti.

E não esquecer que o vilão ainda pode rir...

É possível sorrir, sorrir e ser velhaco.

Silêncio.

Adeus, Pai, a vingança será desde agora o meu destino... Firme, fica firme, coração... Jurei-o. Juro.

OFELIA Vais vingar-te de quê? De quem?

HAMLET O tempo desconcertou-se... e é meu maldito fado ter nascido para o concertar.

OFELIA Bebe, Hamlet, bebe, um pouco mais de absinto e a noite há-de pintar para sempre de negro a tua alma, as tuas palavras serão pó... *(Desfalece.)*

HAMLET Ofelia!

XXVII

Dia.

HAMLET Sentes-te melhor?

OFELIA Vi o meu pai, querido Hamlet, vi o meu pai com os olhos da minha alma!

HAMLET Estás muito fraca.

OFELIA Parece uma morte romântica, não é?

HAMLET Tens de ficar sossegada, tentar descansar.

OFELIA Tratas sozinho de todos os clientes?

HAMLET Não fales agora nisso...

OFELIA Mesmo daqueles velhos malcheirosos e dos soldados ordinários?

HAMLET Sim... depois, quando estiveres melhor, vais pagar-me com o corpo.
OFELIA Não é o que se passa agora?
HAMLET Sim, pagamos com o corpo, nem sei que pecados.
OFELIA Acho que já paguei o que tinha a pagar... agora...
HAMLET ... agora calas-te, estás muito fraca.
OFELIA Queres que te cante uma canção?
HAMLET Agora não.
OFELIA E as minhas flores?
HAMLET Flores são para os mortos.
OFELIA Quero a minha cama cheia de flores, como a minha sepultura. Já falta pouco...
HAMLET E se te calasses?
OFELIA Está bem.
HAMLET Desculpa, desculpa...
OFELIA Não voltas a dizer-me que houve um tempo em que não me amaste, sim?
HAMLET Sempre te amei, sempre te...
OFELIA ... sempre me amarás... mesmo quando eu só for uma daquelas tuas aparições? É uma morte limpa, não achas?
HAMLET Não acho nada. Isto não pode estar a acontecer. Maldita sejas, Ratazana. Maldita sejas, mãe. Maldito sejas assassino de reis e profanador de rainhas...
OFELIA ... é o meu epitáfio?
HAMLET Nenhum epitáfio... cala-te, por favor... não vás...
OFELIA ... já não te vingarás de ninguém, não é meu bom marido?
HAMLET Tantas promessas falhadas...
OFELIA Arranja-me umas flores, daquelas de plástico nas mesas-de-cabeceira lá de baixo, e um crucifixo de feira.
HAMLET Não... está bem, só para te fazer a vontade e não voltares a falar disso. Aproveito para roubar um pouco de leite à Ratazana.
OFELIA Sim, pode ser.
HAMLET Então fica sossegada, volto já.
OFELIA Sim.
Hamlet sai. Ofelia canta.
And will a' not come again?
And will a' not come again?
No, no, he is dead,
He never will come again...
Morrer sem uma lágrima? Valeu a pena a vida ser vivida?
Ofelia morre.
HAMLET regressa com um ramo de flores de plástico, um cristo crucificado e um copo de leite.
HAMLET Quebrou-se a balança!
Rosa de Maio, meu amor, irmã!
Doce Ofelia!
Quem te fez minha esposa para eu te matar?
Deus ou o Demónio?
O cutelo há-de cair sobre a minha cabeça culpada.

A tua campa será um monumento vivo!

Do teu corpo belo e inocente hão-de nascer violetas!

Em silêncio, Hamlet compõe o corpo morto de Ofelia na cama; coloca aos seus pés o ramo de flores de plástico e nas mãos postas em cruz o cristo crucificado. Derrama sobre si o copo de leite.

Quero negar-me as lágrimas, mas... somos feitos assim, diga a vergonha o que quiser. Quando secar as minhas lágrimas, morrerá então a mulher em mim. Adeus, Ofelia, tenho uma fala de fogo que gostaria de acender mas a minha fraqueza extingue-a.

XXVIII

Noite.

HAMLET *(Junto ao corpo de Ofelia.)* Que fazer? Será mais nobre deixar que o espírito sofra os golpes de um destino ultrajante, ou tomar armas contra um mar de sofrimentos? Dar-lhe um fim: morrer, dormir... Mais nada. E num sono dizer que cessou o coração de sofrer, que acabam os tormentos da carne? Oh, pudesse esta carne demasiado impura desfazer-se, mudar, dissolver-se em orvalho! Talvez seja este um fim que ardentemente se deseje... Morrer, dormir. Dormir, porventura sonhar... ah, é esse o estorvo: que sonhos virão nesse sono da morte?... é esta suspeita que dá tão demorada vida ao sofrimento. Pois quem suportaria as chicotadas e as troças do tempo, a injustiça dos tiranos, a angústia do amor, a insolência dos mediocres, se com um simples punhal pudesse criar ele próprio a sua paz? Quem suportará, suando e resmungando, um vida de fadigas, senão quem teme o horror de qualquer coisa após a morte, país desconhecido, a descobrir, cujas fronteiras não há quem volte a atravessar, e nos intriga e nos faz continuar a suportar os nossos males, em vez de fugir para outros que desconhecemos? Assim a consciência faz de nós todos cobardes, assim o brilho natural da vontade desmaia sob a pálida cor do pensamento, cai por terra a vontade de agir... *(Pausa.)* Tu vais à frente, doce Ofelia. Que sonhos sonhas no teu sono da morte? Seguir-te-ei em breve. Vou levar nos meus ombros o peso de todas as mortes. Tivera eu tempo... Pouco interessa, agora, ninguém nas suas orações há-de lembrar os nossos pecados. Que negras sombras nos esperam, Ofelia? *(Enterra uma seringa no coração.)* Um casal de anjos, nos céus, não é a união de dois anjos mas um anjo apenas. Partimos... enfim. O resto é silêncio. *(Morre.)*



centro de
dramaturgia
contemporânea